

ISSN: 0210-7287

LITERATURA-MUNDO OU A ABOLIÇÃO DO RECTILÍNEO

World Literature or the Denial of Linearity

Maria Graciete GOMES DA SILVA

Universidade de Lisboa

gracietegomessilva@gmail.com

Recibido: septiembre de 2013; Aceptado: octubre de 2013; Publicado: diciembre de 2013
BIBLID [0210-7287 (2013) 3; 33-44]

Ref. Bibl. MARIA GRACIETE GOMES DA SILVA. LITERATURA-MUNDO OU A ABOLIÇÃO DO RECTILÍNEO. 1616: *Anuario de Literatura Comparada*, 3 (2013), 33-44

RESUMO: O presente artigo revê aspectos teórico-críticos fundamentais da Literatura-Mundo (*World Literature*), centrando-se na *literatura em português*, em articulação com o horizonte conceptual e metodológico do projecto *Literatura-Mundo: Perspectivas em Português*, em curso no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. A problematização do gesto antológico é, nesse sentido, parte importante da ponderação do literário como forma de relação e da discussão em torno da mundialização da *literatura em português*, considerada na peculiaridade da sua circunstância (Ortega y Gasset), por referência a um contexto supranacional em processo acelerado de revisão, como a crítica pós-colonial vem salientando.

Palavras-chave: Literatura-Mundo, Literatura em Português, Gesto Antológico, Vocação Cosmopolita, Experiência Literária, Forma de Relação.

ABSTRACT: This article reviews fundamental theoretical and critical aspects of World Literature. It focuses on *literature in Portuguese*, in its relation with

the conceptual and methodological framework of *World Literature: Perspectives in Portuguese*, a project in progress at the Centre for Comparative Studies of the Faculty of Letters (University of Lisbon). The appreciation of the anthological gesture becomes crucial when bearing in mind literature as a form of relationship and the *literature in Portuguese* worlding process, considered in its peculiar circumstance (Ortega y Gasset) within a changing supranational framework as postcolonial criticism has underlined.

Key words: World Literature, Literature in Portuguese, Anthological Gesture, Cosmopolitan Vocation, Literary Experience, Form of Relationship.

Cada lenço de seda que se ata! oh desastres
das artes! a própria seda do lenço o desata.

Herberto HELDER

Abrir a presente reflexão pela voz de Herberto Helder (2013) é reportá-la a uma consciência aguda da *imperfeição* do literário (cf. Gusmão 2011) ou da «literatura como experiência de arte» (Buescu 2013, 15). Dela se faz o «poema contínuo», conceito-chave da poética herbertiana, a que não faltam equivalentes como «poema reincidente» ou «canção ininterrupta», explosões de uma *memória que é invenção*, horizonte dialéctico de permanência e mudança onde se joga a relação entre o universal e o singular (cf. Lopes 2005; Martelo 2010).

É nesse sentido que a literatura é *experiência*, direito ao improvável (cf. Lopes 1994, 459-460), o que não pode ser confundido com arbitrariedade, do mesmo modo que formação identitária alguma, impensável sem o concurso da experiência, se pode dizer arbitrária porque indefinível de uma vez por todas (como lembra Jean-Luc Nancy, toda a identidade é apropriação, forma de relação por condição inconclusa)¹. Silvina Rodrigues Lopes não hesita, aliás, em considerar a «experiência da arte» como paradigma de toda a experiência, «por ser nela que a articulação entre o partilhável e o impartilhável, a recepção e a criação, atinge o seu grau mais elevado» (Lopes 1994, 459).

1. «L'identité est l'événement appropriant d'un "un" (personnel ou collectif). Pareil événement n'a pas lieu une fois mais sans cesse, à chaque instant. Et chaque fois cette appropriation forme une "exappropriation", selon le mot de Derrida, puisque il n'y a jamais un sujet fixe, déjà identifié, auquel l'appropriation reviendrait. [...] Ce qui ne veut pas dire qu'il est labile, inconsistent, essentiellement mutant : mais la vraie consistance d'un sujet est le dépassement de chaque instant de son identification repérable (NANCY 2010, 38).

Pensar a literatura como experiência de arte implica, por conseguinte, lê-la no confronto entre a vocação cosmopolita do literário e as contingências da «terceira mão», a do leitor, que «vem e constela os tempos» (Gusmão 2007, 63), afirmando a não-contemporaneidade do contemporâneo numa instância de presente irremediavelmente anacrônica. Quer isto dizer que património algum se transmite de uma vez por todas, que a tradição se conquista, ou não existe senão por escolha (e omissão, naturalmente). É dessa agoridade (na acepção de Benjamin) que Helena Carvalhão Buescu faz decorrer a defesa de uma *visão mais prismática*, por contraposição à matriz binária da primitiva tradição comparatista, que desnaturalize o paradigma da nacionalidade literária, sem todavia negar à literatura o vínculo de origem, e responda aos desafios de um «arquivo sem fronteiras» que permanentemente nos obriga a rever modos de pertença não exclusivos (cf. Buescu 2008 e 2013).

Interessa-me, entretanto, reter da sua argumentação a corroboração de um duplo movimento constitutivo, limpidamente conclusiva: diz a autora que «a relação entre literatura nacional e literatura-mundo não se faz apenas pela inclusão da primeira na segunda, mas também pelo próprio potencial supranacional e até mesmo mundial da primeira» (Buescu 2013, 50). Trata-se, por um lado, de reconhecer a supranacionalidade do nacional, a irredutibilidade da experiência literária ao paradigma da nação: pense-se, com Claudio Guillén (1985, 13-14), em géneros ancestrais como a comédia, em recursos expressivos como a rima ou em fenómenos de alcance europeu, ou mesmo mundial, como o Romantismo; e, por outro, de realçar a dinâmica conversacional, o «entrétien infini» (Blanchot), que baliza a mundialização da *literatura em português* (onde cabem os textos escritos nas várias literaturas de língua portuguesa e a literatura em tradução para português), numa inflexão paradigmática altamente promissora, que extravasa qualquer lógica inclusiva de teor meramente extensivo. Como observa Caroline Eckhardt, «[t]he modest syntactic shift from “X literature” to “literature in X” (e.g. from “Spanish literature” to “literature in Spanish”) entails a fundamental revision of the paradigm, as it opens out into the wide-lens view» (Eckhardt 2009, 169).

Trata-se, por isso também, de reequacionar a questão da língua, de uma língua transnacional e de alcance mundial como é a portuguesa, sem esquecer ainda reflexões que, como as de Abel Barros Baptista ou, de outro modo, as de Nuno Júdice, vão dando conta da ligeireza (porventura excessiva) com que na lusofonia se vai glosando o tópico d'«a mesma língua» (Baptista 2010, 180), impondo-lhe assim uma fracção de encurtamento que

a descaracteriza, *a contrario* da sua vocação cosmopolita². Abel Barros Baptista detém-se aliás, no mesmo volume, no caso paradigmático de Drummond de Andrade, que, em última instância, pode ser lido como argumento da improcedência de qualquer projecto literário autocontido, muito para além do seu objecto de partida (a formação do cânone da literatura brasileira). Ao dialogar com a tradição lírica portuguesa antiga e moderna, a contracorrente do dogma (político) da tradição própria –«ou seja nacional, ou seja brasileira» (Baptistam 2010, 115)–, o poeta de *Claro Enigma* ter-se-ia afirmado como poeta canónico e contra-canónico, ilustrando, desse modo, a imprevisibilidade que constitui a outra face da experiência literária.

Torna-se, assim, porventura ainda mais evidente o acerto das opções terminológicas de Helena Carvalhão Buescu, quando prefere *polinização* a *influência* ou quando subscreve o deslocamento da ênfase «da ideia de *posição* para a de *relação*» (Buescu 2013, 48-49). A primeira nota a registar é precisamente a coerência relativa dessas propostas, que, cada uma a seu modo, vão no sentido da variabilidade que, para David Damrosch, é traço maior da *World Literature*, na sua abrangência das relações entre sistemas literários e também do que é do foro do cânone pessoal, onde a relação entre conhecimento e afectos se torna decisiva. É na experiência da leitura que se joga a percepção do *semelhante* e do *diferente*, do *universal* e do *singular*, como experiência do tempo em última instância:

The texts themselves exist both together and alone: when we read Dante, we are aware that we are encountering a major work of world literature, one that draws on a wealth of previous writing and that casts its shadow ahead onto much that will follow it. Yet even if we register such connections, we are also immersed within Dante's singular world, an imagined

2. No caso de Nuno Júdice, e dos vários textos seleccionáveis em *A Matéria do Poema*, destaco o seguinte: «Escrevo um poema sobre a rapariga que está sentada / no café, em frente da chávena do café, enquanto /alisa os cabelos com a mão. Mas não posso escrever este /poema sobre essa rapariga porque, no brasil, a palavra /rapariga não quer dizer o que ela diz em portugal. Então, / terei de escrever a mulher nova do café, a jovem do café, a menina do café, / que alisa os cabelos com a mão, num café de Lisboa, não / fique estragada para sempre quando este poema atravessar o / atlântico para desembarcar no rio de janeiro. E isto tudo / sem pensar em áfrica, porque lá terei / de escrever sobre a moça do café, para /evitar o tom demasiado continental da rapariga, que é / uma palavra que me está a pôr com dores / de cabeça até porque, no fundo, a única coisa que eu queria / era escrever um poema sobre a rapariga do / café. A solução, então, é mudar de café, e limitar-me a / escrever um poema sobre aquele café onde nenhuma rapariga se / pode sentar à mesa porque só servem cafés ao balcão» (JÚDICE 2008, 56).

universe very unlike any envisioned by Virgil or by Saint Paul, and one that Milton, Gogol, and Walcott will radically revise in turn for very different purposes of their own (Damrosch 2003, 298).

Ilumina-se, deste modo, a sua definição da Literatura-Mundo como refração elíptica das literaturas nacionais ou como *modo de ler* que é *modo de ser*, mais substantivo que extensivo —[n]ot a set canon of texts but a form of detached engagement with worlds between our own place and time» (Damrosch 2003, 281). Os textos viajam, melhor ou pior (a tradução é precisamente o pilar ainda não referido da definição damroschiana: «[w]orld literature is writing that gains in translation»), e, nessa sua reapropriação, a alteridade e o diferimento próprios do olhar estrangeiro imprimem-lhes constelações imprevisíveis de acção e sentido que, ao instituírem-se como formas de relação, retroagem também prospectivamente sobre as culturas de origem e o horizonte de expectativas de quem lê, como Damrosch considera noutro lugar:

Reading a work from a distant time or place involves a back-and-forth movement between the familiar and the unfamiliar. A view of the world is always a view from wherever the observer is standing, and we inevitably filter what we read through our experience of what we have read in the past. But then, if we don't simply overlay our prior expectations wholesale onto the new work, its distinctive qualities will impress themselves on us, enlarging our field of vision and giving us a new purchase on the things we knew before (Damrosch 2009, 3).

Assistemático —*polinização* é, nesse sentido, o termo certo—, todo o processo releva de um elevado grau de imprevisibilidade (ou de criação, se preferirmos), que é consciência do literário como expressão do *incomensurável*, no seu desdobramento em geometrias variáveis de resposta (e, como tal, de articulação do pensamento e do sentido) que, em si mesmas, argumentam a procedência da primazia do conceito de *relação*. E se outros ângulos não tivesse, ela balizaria, desde logo, a correcção do eurocentrismo que Fidelino de Figueiredo, em 1961, tão bem soube transpor para a imagem do homem contemporâneo (e já então lhe não escapavam os equívocos da ideia de contemporaneidade) egocentricamente estendido na praia a observar o movimento das ondas que lhe chegam aos pés, como se a única função dos oceanos fosse essa mesma: servi-lo (*cf.* Figueiredo 1993, 488).

«História em pirâmide»³ lhe chama então aquele que é um dos pioneiros da história comparada das literaturas ibéricas (um dos modos de ser da *literatura em português*)⁴, dando testemunho de uma memória cultural, porventura até de uma *imago mundi*, cruamente etnocêntrica. Parece-me, entretanto (cf. Silva 2012), que hoje a própria ideia de Europa, ou de identidade europeia, só é pensável em deslocamento, no entrecruzar de um sem-número de variáveis endógenas e exógenas que dão conta da heterogeneidade de todo e qualquer vínculo europeu, não havendo europeidade que não resulte da multiplicidade, extrínseca e intrínseca, das suas representações.

Trata-se, por isso, de reequacionarmos a nossa circunstância, o nosso lugar ou a nossa incrição na geometria variável do mundo, reactivando o gesto enunciado por Ortega y Gasset: «Temos de procurar para a nossa circunstância, tal como ela é, [...] precisamente no que tem de peculiaridade, o lugar acertado na imensa perspectiva do mundo» (*apud* Lopes 2005, 12).

De tudo isto se faz o horizonte conceptual e metodológico do projecto *Literatura-Mundo: Perspectivas em Português*, em curso no Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que explicitamente se propõe «desenvolver uma visão, bem como contribuir para a construção, da Literatura-Mundo (*Weltliteratur*, *World Literature*) em português e em Portugal»⁵. Sendo manifesta a interdependência das duas vertentes –se, por um lado, a teoria é a consciência crítica da prática, não é menos verdade que a prática é a ciência dos limites da teoria–, começo

3. «Era a história concebida em pirâmide cuja base era a vida dos outros povos e cujo cume seria a civilização europeia» (FIGUEIREDO 1993, 488).

4. Não serão, a esse título, despidiendas, no presente contexto, observações precoces como as seguintes: «Ha uma tradição dramatica peninsular, mas nenhuma das litteraturas a possui em toda a sua plenitude, no conjuncto do seu desenvolvimento historico. Castella, o centro geographico da Peninsula, como affirmou Pelayo, teve a gloria de possuir o momento augusto dessa tradição, mas sem a curva do desvio que para dentro da fronteira portuguesa descreve essa tradição, sem se considerar o teatro vicentino, até mesmo essa tradição [...] seria incompleta e illogica, porque o teatro de Encina, Torres Naharro e Gomes Manrique tinha caracteres estheticos diversos daquelles que, depois do impulso genial de Gil Vicente, ostentou e se encorporaram na tradição peninsular. [...] tambem não seria explicavel que D. Francisco Manuel de Mello [...] pudesse da simples leitura do auctor da *Ignês Pereira* receber a suggestão do *Fidalgo Aprendiz* [...]. Porquê? Porque entre um e outro havia uma phase dramatica, a de Rueda, Timoneda, Juan de la Cueva e Miguel Sánchez» (FIGUEIREDO 1921, 19-20).

5. Cf. <<http://www.comparatistas.edu.pt/investigacao/morphe/literatura-mundo-perspectivas-em-portugues.html>>.

exactamente por salientar o modo como, no seu último livro (com que venho dialogando ao longo deste trabalho), a coordenadora do Projecto equaciona o que entende ser uma «visão substantiva da literatura-mundo» (Buescu 2013, 67), que não se fique pelos efeitos de ressonância (tendo embora a autora o cuidado de afirmar a mais-valia da leitura literária de Damrosch), mas signifique um efectivo reforço da dimensão interpelativa do campo nas suas dimensões teórica, temática e comparatista⁶. E lembro-me da aprendizagem das «maneiras de pergunta» de que fala Herberto Helder, transposta aqui para um outro plano, que tem todavia em comum com o primeiro o reconhecimento da «existência de uma pergunta inesgotável que se formula, se assim posso dizer, pela objectivação dos arredores evasivos, das alusões, dos sinais remotos» (Helder 2001, 190).

Assim deve ser lida, a meu ver, a distinção entre trabalhos verdadeiramente comparatistas e pretensamente comparatistas (que de comparantes só têm a aparência), ou seja, que não resistem à tentação de homogeneizar o heterógeneo, comprometendo irremediavelmente a experiência do *incomensurável* e, desse modo, o horizonte conceptual da literatura-mundo e da ética literária que a sustenta: «[t]udo tem de passar pela experiência de não homogeneizar o conhecimento e a experiência da leitura e da interpretação pela criação de um magma indiferenciado em que justamente a experiência do *incomensurável* se dissolveria» (Buescu 2013, 24). E é ainda à mesma luz que a defesa de uma «perspectiva revisionista e cosmopolita das literaturas europeias» (Buescu 2013, 69) ganha pleno sentido, desde logo como evidência da já referida heterogeneidade de todo e qualquer vínculo europeu, cuja condição cosmopolita se não compadece com qualquer forma de assimilacionismo, como resulta claro de reflexões como as de Béatrice Didier⁷, o que, sendo da ordem da língua, o extravasa

6. A título meramente exemplificativo, selecciono um dos passos da obra de Damrosch onde a questão é tratada de forma talvez mais explícita: «World literature is fully in play once several foreign works begin to resonate together in our mind. This provides a further solution to the comparatist's lurking panic: world literature is not an immense body of material that must somehow impossibly be mastered; it is a mode of reading that can be experienced *intensively* with a few works just as effectively as it can be explored *extensively* with a large number» (DAMROSCH 2003, 298-299).

7. «L'Amérique du Nord comme du Sud tire ses origines –ou du moins ses secondes origines– des littératures française, anglaise, espagnole, portugaise. Et c'est maintenant le roman français contemporain qui sera influencé par Borges et la littérature latino-américaine. [...] Le fait que des écrivains, après la fin de l'ère coloniale préfèrent écrire, en français ou en anglais, distend considérablement l'espace culturel européen. Mais il n'est pas question ici de les annexer, ce qui serait une forme de néo-colonialisme, à la littérature européenne» (DIDIER 1998, 7).

claramente, no quadro de uma «gramática do tempo» (Santos 2006) em acelerado processo de revisão.

Forma de relação, a *literatura em português* (conceito que engloba os textos escritos nas várias literaturas de língua portuguesa e a literatura em tradução para português, como vimos) comparece no contexto –e pode mesmo dizer-se que essa é uma das linhas de força do projecto *Literatura-Mundo: Perspectivas em Português*– na peculiaridade da sua circunstância (retomando Ortega y Gasset), ou seja, no reconhecimento da trans-historicidade própria da sua condição pós-colonial e pós-imperial, que efectivamente se oferece como «lugar de reflexão simultaneamente único e paradigmático no quadro europeu» (Buescu 2013, 69).

Projectos como o *Literatura-Mundo* configuram, nesse sentido, uma «pedagogia da acção», que é também uma questão de política da língua e das humanidades, assente numa ideia de *relação* que se me afigura legível com e contra essa espécie de andamento ou interpelação a duas vozes em que consiste o poema «À espera dos bárbaros», de Kavafis (2005, 221-223). Nele se dá conta de uma expectativa gorada, que se confunde com abdicação: «—Porquê tanta inactividade no Senado? / Porque estão lá os Senadores e não legislam? // Porque os bárbaros chegarão hoje. / Que leis irão fazer já os Senadores? Os bárbaros quando vierem legislarão» (vv. 3-7), ilustrada por absurdo nas estrofes finais, incluindo o dístico que lhe serve de epílogo (vv. 28-36):

—Porque terá começado de repente este desassossego
e confusão. (Como se tornaram sérios os rostos.)
Porque se esvaziavam rapidamente as ruas e as praças,
e todos regressam às suas casas muito pensativos?

Porque anoiteceu e os bárbaros não vieram.
E chegaram alguns das fronteiras,
E disseram que já não há bárbaros.

E agora que vai ser de nós sem bárbaros.
Esta gente era alguma solução.

Porém, sejam quem forem os «bárbaros» num poema que os tradutores consideram justamente «pseudo-histórico» (cf. Kavafis 2005, 433-434), e não pretendo enveredar aqui por qualquer tipo de debate mais ou menos *aggiornato* sobre a relação entre centro e periferia (por interessantes que sejam o tema e a encenação produzida, que o tom desapaixonado reforça), o que me importa relevar é o modo como tal abdicação, e a ideia de *posição*

nela subsumida, se contrapõem à porosidade inerente a qualquer forma substantiva de *relação*, que o gesto antológico repercute e sublinha.

Não esqueçamos como, ao fazer emergir o novo da reencenação do preexistente (cf. Guillén 1985, 413; Gusmão 2010, 424-425), a prática antológica congrega, num mesmo gesto, inovação e reprodução, podendo, desse modo, constituir-se em instrumento privilegiado de renovação epistemológica. É certamente o que acontece no caso vertente, onde a trilogia em preparação (1. *Literatura-mundo em português*; 2. *Literaturas europeias traduzidas para português*; 3. *Literatura-mundo em tradução em português*) potencia, no contacto directo com os textos, formas improváveis de relação que, extrapolando os limites físicos do livro, convocam e enriquecem a enciclopédia do leitor, ilustrando «[n]ão apenas o carácter movente das formas de ser e fazer cultura, mas ainda o quanto essas formas dependem, para ser reconhecidos, do olhar pelo qual são lidas» (Buescu 2013, 50).

Abrem-se assim, como consta da apresentação do Projecto na página do Centro atrás referida, não só novos horizontes de descoberta e reconhecimento mútuos no quadro das literaturas de língua portuguesa, mas também, e por via da tradução, hipóteses inovadoras de diálogo entre geografias literárias e civilizacionais aparentadas ou não que, nessa sua apropriação comparatista, reequacionam o próprio e o alheio.

Digamos que se trata de auscultar o *murmúrio do mundo* (com devida vénia a Almeida Faria) no acto da sua reescrita, articulável a múltiplas vozes, incluindo a voz do tradutor, sem a qual a literatura-mundo, tal como o presente trabalho a vem debatendo, seria praticamente impossível. Retome-se, ainda, David Damrosch: «[t]he great conversation of world literature takes place on two very different levels: among authors who know and react to one another's work, and in the mind of the reader, where works meet and interact in ways that may have little to do with cultural and historical proximity» (Damrosch 2003, 298).

Sigamos, entretanto, a objectivação dessa vocação cosmopolita na materialidade do texto –um dos ângulos de focalização da definição tripartida de Damrosch (2003, 281): o *mundo*, o *texto* e o *leitor*–, em breve apontamento sobre dois textos igualmente breves das literaturas europeias, recentemente traduzidos para português: o conto «Yo me enamoré del aire», incluído na colectânea *O Tempo Envelhece Depressa* (Tabucchi 2012, 95-101), e o poema «Arcadas romanas» (Tranströmer 2012, 33).

Assiste-se, no primeiro caso, à deambulação (física e onírica) do protagonista por uma Lisboa nunca nomeada, mas polimorficamente descrita a partir do terraço sul do jardim botânico:

O terraço era delimitado por um murete que lhe chegava à altura do peito e onde um painel de azulejos representava a cidade. Procurou decifrar-lhe a topografia a partir daquele desenho de risco ingénuo: o arco do triunfo da cidade baixa donde arrancavam as três artérias principais, com a arquitectura iluminista da reconstrução subsequente ao terramoto; o centro com duas grandes praças encostadas uma à outra, à esquerda a rotunda com um pesado monumento de bronze, e depois, para norte, a zona nova, com uma arquitectura tipo anos cinquenta e sessenta (Tabucchi 2012, 98-99).

E se o olhar que descreve parece estrangeiro, na exterioridade da sua recondução sistemática do observado a categorias histórico-culturais supranacionais (notem-se o viés autoficcional da 3ª pessoa e a ausência de topónimos neste caso), certo é que essa vocação cosmopolita vem já da imagem-limiar em que consiste a passagem pelo jardim botânico: da classificação das espécies observadas em formas de relação contextualmente significativas («Sentou-se num banco e tirou do bolso um pequeno bloco. Era onde apontava os nomes dos lugares de origem das plantas que o rodeavam: Açores, Canárias, Brasil, Angola») à rosa-dos-ventos desenhada no chão onde se joga a rememoração de toda uma vida⁸ (e não é decerto casual que *Memória e Vida* esteja entre as categorias maiores do projecto antológico em curso, a par, por exemplo, de outras como *Cartografias da Tradição* ou *Literatura e Condição Humana*).

Porém, se as notações espaciais são importantes, no quadro de uma narrativa em larga medida construída *subspecie* do reconhecimento («Pensou: serão estas as buriti?, em casa falava-se constantemente das palmeiras buriti»), rapidamente se percebe a sua correspondência com um «mergulho no tempo» que tem o seu desfecho na cena (quase cinematográfica) da mulher que canta, abraçada ao filho, uma velha canção sefardita no alto de um terraço lisboeta —«Yo me enamoré del aire, del aire de una mujer, como la mujer era aire, en el aire me quedé»— perante o olhar atónito do protagonista, oniricamente transposto para o universo descrito (Tabucchi 2012, 100-101). Revêem-se, então, as «maneiras de pergunta» (Herberto Helder ainda) —«Por que vieste até aqui, disse para consigo, que procuras?, desapareceu tudo, evaporaram-se todos, era bom, era...»— e percebe-se como o terraço lisboeta integra e convoca o cosmopolitismo de uma memória

8. «Pensou nos ventos da vida, porque ele há ventos que acompanham uma vida: o zéfiro suave, o vento quente da mocidade que o mistral se encarregará de temperar, certos ventos de sudoeste, o siroco que abate, o vento gélido da tramontana» (TABUCCHI 2012, 98).

cultural europeia, também ela errante e frequentemente dramática, que a colectânea no seu todo vai reescrevendo poliédrica e fragmentariamente.

Já no poema de Tranströmer, «Arcadas romanas» (2012, 33), é a epifania da autocontemplação, metaforizada no anjo de diversa memória nas literaturas europeias⁹, que potencia a fusão da consciência da condição humana com o reconhecimento da condição cosmopolita, na figura do viajante «[e]mpurrado [da igreja] para a *piazza*, banhada em sol, / junto com *Mr. and Mrs. Jones*, o Sr. Tanaka e a *Signora Sabatini*» (vv. 9-12), sabendo que também dentro deles, e não só em si mesmo, se abrem «arcadas, / uma atrás da outra, infinitamente».

BIBLIOGRAFIA

- BAPTISTA, Abel Barros. *De Espécie Complicada. Ensaios de Crítica Literária*. Coimbra: Angelus Novus, 2010.
- BLANCHOT, Maurice. *L'Entretien infini*. Paris: Gallimard, 1969.
- BUESCU, Helena Carvalhão. *Emendar a Morte. Pactos em Literatura*. Porto: Campo das Letras, 2008.
- *Experiência do Incomum e Boa Vizinhança. Literatura Comparada e Literatura-Mundo*. Porto: Porto Editora, 2013.
- DAMROSCH, David. *What is World Literature?* Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2003.
- *How to Read World Literature*. Chichester, West Sussex: Wiley-Blackwell, 2009.
- DIDIER, Béatrice. *Précis de Littérature Européenne*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998.
- ECKHARDT, Caroline D. «World Literature and the Graduate Curriculum». Em DAMROSCH, David (ed.). *Teaching World Literature*. New York: Modern Language Association, 2009, pp. 165-178.
- FARIA, Almeida. *O Murmúrio do Mundo. A Índia Revisitada*. Lisboa: Tinta-da-china, 2012.

9. «Dentro da imponente igreja católica os turistas acotovelavam-se na semiobscuridade. / As abóbadas abocanhavam-se uma atrás da outra, impedindo uma vista geral. / Tremulavam algumas luzes de lamparinas. / Um anjo, sem rosto, abraçou-me / e segredou ao longo do meu corpo: / “Não te envergonhes de seres ente humano, tem antes orgulho nisso! / No teu íntimo abrem-se arcadas sem fim, infinitamente. / Nunca ficarás concluído, como está determinado”» (TRANSTRÖMER 2012, vv. 1-8). O tradutor associa, em nota final (15, 130), a composição do poema a uma visita do poeta a Veneza, na Primavera de 1987.

- FIGUEIREDO, Fidelino. «Menéndez y Pelayo e os estudos portugueses». Em *Estudos de Litteratura (Terceira Série: 1918)*. Lisboa: Livraria Clássica de A. M. Teixeira, 1921, pp. 7-79.
- *A Épica Portuguesa no Século XVI*. Edição fac-similada com apresentação de António Soares Amora. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.
- GUILLÉN, Claudio. *Entre lo Uno y lo Diverso. Introducción a la Literatura Comparada*. Barcelona: Editorial Crítica, 1985.
- GUSMÃO, Manuel. *A Terceira Mão*. Lisboa: Caminho, 2007.
- «O tempo da poesia: uma constelação precária». Em *Tatuagem & Palimpsesto. Da Poesia em alguns Poetas e Poemas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, pp. 523-547.
- «Da literatura enquanto configuração histórica do humano». Em *Uma Razão Dialógica. Ensaio sobre Literatura, a sua Experiência do Humano e a sua Teoria*. Lisboa: Avante, 2011, pp. 112-170.
- HELDER, Herberto. «Entrevista». *Inimigo Rumor*, 2º Semestre, 2001, 11, pp. 190-197.
- *Servidões*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.
- JÚDICE, Nuno. *A Matéria do Poema*. Lisboa: D. Quixote, 2008.
- KAVAFIS, Konstandinos. *Os Poemas*. Tradução, prefácio e notas de Joaquim Manuel Magalhães e Nikos Pratsinis. Lisboa: Relógio d'Água, 2005.
- LOPES, Silvina Rodrigues. *A Legitimação em Literatura*. Lisboa: Cosmos, 1994.
- «Ficção e testemunho». Em *A Anomalia Poética*. Viseu: Vendaval, 2005, pp. 9-44.
- MARTELO, Rosa Maria. «Herberto Helder: Assassinato e assinatura». Em *A Forma Informe. Leituras de Poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010, pp. 83-111.
- NANCY, Jean-Luc. *Identité. Fragments, franchises*. Paris: Galilée, 2010.
- SANTOS, Boaventura de. *A Gramática do Tempo. Para uma Nova Cultura Política*. Porto: Afrontamento, 2006.
- SILVA, Maria Graciete Gomes da. «Cartografie prospettive: Letteratura Mondo e identità europea». Em ANTONELLI, Roberto, Marta MATERNI e Gioia PARADISI (a cura di). *La Letteratura e la Formazione degli Europei*. Roma: Bagatto Libri, 2012, pp. 73-80.
- TABUCCHI, Antonio. *O Tempo Envelhece Depressa*. Tradução de Gaëtan Martins de Oliveira. Lisboa: D. Quixote, 2012.
- TRANSTRÖMER, Tomas. *50 Poemas*. Tradução de Alexandre Pastor. Lisboa: Relógio D'Água, 2012.